

**ESSE CABELO: A TRAGICOMÉDIA DE UM CABELO CRESPO QUE CRUZA
FRONTEIRAS, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA: ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE AS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.
THAT HAIR: THE TRAGICOMEDY OF CURLY HAIR THAT CROSSES BORDERS, BY
DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA: A COMPARATIVE ANALYSIS OF AFFECTIVE
RELATIONSHIPS IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITY**

Caroline Stephanny Costa Dantas (UEA)¹

Viviane do Nascimento Bitar (UEA/PPGLA)²

RESUMO: A autoaceitação e a busca pela identidade são assuntos que buscamos evidenciar nesta pesquisa, tendo como objeto de estudo o romance de estreia da autora Djaimilia Pereira de Almeida intitulado *Esse Cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2017). Com uma temática emergente e necessária para o século XXI, o objetivo geral da pesquisa gira em torno das relações afetivas para a construção da identidade, bem como os específicos que nos ajudam a chegar nessa busca. Para *corpus* teórico-metodológico, baseamos a análise, sob perspectiva da literatura comparada, através dos seguintes autores: Abdala Junior (2016), através do texto Comparativismo literário e comunitarismo supranacional, que aborda a questão do *locus* enunciativo; Bhabha (1998); Rama (2001); Ortiz (1940); Said (1990); e Stuart Hall (2003). Por conseguinte, a temática apresentada e desenhada através dos cabelos e do *locus enunciativo* mostram o quanto os fatores externos podem construir a moldura como encaramos a questão da identidade, das memórias e da transculturação. Dada a complexidade dessas questões, abordar o cabelo crespo em um contexto de pesquisa acadêmica assume uma relevância significativa, pois trata-se de temas que instigam a reflexão, desafiam concepções arraigadas e oferecem alternativas para ideologias limitantes e restritivas.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria feminina; Esse Cabelo; Literatura Comparada; Literatura; Identidade.

ABSTRACT: Self-acceptance and the search for identity are subjects that we seek to highlight in this research, having as object of study the debut novel by author Djaimilia Pereira de Almeida entitled *This Hair: the tragicomedy of a curly hair that crosses borders* (2017). With an emerging and necessary theme for the twenty-first century, the general objective of the research revolves around affective relationships for the construction of identity, as well as the specific ones that help us to arrive at this search. For *the* theoretical-methodological corpus, we base the analysis, from the perspective of comparative literature, through the following authors: Abdala Junior (2016), through the text *Literary comparativism and supranational communitarism*, which addresses the issue of the enunciative locus; Bhabha (1998); Rama (2001); Ortiz (1940); Said (1990); and Stuart Hall (2003). Therefore, the theme presented and drawn through the hair *and the enunciative locus* show how much external factors can build the framework for how we face the issue of identity, memories and transculturation. Given the complexity of these issues, addressing curly hair in an academic research context takes on significant relevance, as these are topics that instigate reflection, challenge ingrained conceptions, and offer alternatives to limiting and restrictive ideologies.

KEYWORDS: Female authorship; That hair; Comparative Literature; Literature; Identity.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA/UEA). Graduada em Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Membro acadêmico do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisas em Linguística e Literatura (NUPELL) na linha de pesquisa Estudos Enunciativos e Discursivos (PPGLA-UEA). <http://lattes.cnpq.br/2489105531465346>

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA/UEA). Graduada em Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas (SEDUC/AM). <http://lattes.cnpq.br/8535692739241082>

INTRODUÇÃO

A interligação entre cabelo e identidade está intimamente ligada; portanto, torna-se crucial que pesquisas relacionadas a essa temática desempenhem o papel de uma voz social relevante que, por longo período, permaneceu silenciada. Ademais, a discussão sobre o cabelo sugere uma emancipação em relação às normas socialmente prescritas, as quais são delineadas por meio de expressões artísticas, literárias e publicitárias. Estas, por sua vez, assumem um papel crucial na promoção de uma representatividade, ou na ausência dela, nos diversos estratos da sociedade.

O papel desempenhado pela publicidade e propaganda foi, por muitos anos, crucial na formação das percepções e dos padrões de beleza disseminados nas massas populacionais. Atualmente, testemunhamos uma inversão dessa dinâmica, especialmente no que concerne aos produtos cosméticos voltados para cabelos afro. Esses produtos têm recebido destaque e visibilidade por meio de uma extensa rede de influenciadores e influenciadoras atuantes nas plataformas de redes sociais. Este fenômeno de promoção e divulgação resulta em grande parte do advento tecnológico e dos substanciais investimentos em *marketing* digital realizados pelas grandes empresas de cosméticos, em contraposição à ênfase histórica que davam às mídias televisivas.

Na literatura, ao explorarmos a temática dos cabelos, que abrange desde os crespos e afros até os cacheados e ondulados, expressos numa variedade de estilos, como cabelos negros, trançados, raspados, coloridos, crespos, descoloridos, entre outros, não estamos tratando apenas de uma questão estética. Pelo contrário, utilizamos esses elementos como metáfora de expressão cultural e social, uma representação simbólica dos cabelos para a manifestação de identidade, autoaceitação e herança cultural. Essas representações tornam-se mecanismos recorrentes na literatura africana, desempenhando um papel essencial na promoção da diversidade cultural e na construção de narrativas que refletem a riqueza e complexidade das experiências humanas.

Partindo dessa perspectiva, elegemos como objeto de estudo o romance *Esse Cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2017), de autoria de Djaimilia Pereira de Almeida, escritora angolana natural de Luanda. A narrativa destaca que a questão da aceitação do cabelo transcende os valores estéticos, abrangendo questões relacionadas à identidade, ao colonialismo, às origens e à autopercepção.

A obra, originalmente lançada em Portugal no ano de 2015, ganhou uma versão brasileira em 2017 pela Editora LeYa, e posteriormente, em 2022, pela editora Todavia. Além desse trabalho, a autora também produziu outras obras notáveis, incluindo *Luanda, Lisboa,*

Paraíso (2019), agraciada com o Prêmio Oceanos³ 2019 e publicada pela Editora Companhia das Letras, bem como *A Visão das Plantas* (2021), que obteve o segundo lugar no mesmo prêmio em 2020, cuja obra foi publicada em 2021, pela Editora Todavia. Além disso, Pereira de Almeida é autora de *Maremoto* e diversos outros títulos de relevância.

Esse Cabelo reestreou no Brasil em fevereiro de 2022. O romance é classificado como uma narrativa de ficção estrangeira, com aproximadamente 104 páginas. Sua divulgação ocorreu por meio da plataforma *YouTube*, no canal da editora Todavia, através de uma transmissão ao vivo. Segundo o mediador, Leandro Sarmatz, “Djaimilia é uma das mais destacadas e premiadas autoras da língua portuguesa contemporânea”. (informação verbal)⁴.

No âmbito da literatura comparada, este artigo tem como objetivo geral analisar as relações afetivas no processo de autoaceitação dos cabelos crespos e no perfil de identidade. Para isso, nos propomos a atingir três objetivos específicos: compreender o conceito de transculturação nos romances contemporâneos, conhecer as concepções sobre memória, identidade e literatura, e comparar as relações entre as avós maternas e paternas em relação a Mila, sendo a primeira de origem angolana e a outra de origem portuguesa.

Por meio do romance, é possível refletir sobre questões identitárias que surgem a partir do cabelo crespo. A personagem Mila apresenta ao leitor suas constantes reflexões sobre o cabelo, que estão intrinsecamente ligadas às suas origens. Nascida em Angola, ela se mudou para Portugal ainda muito jovem. Lá, percebe que seus cabelos incomodam as pessoas, e esse desconforto se reflete em seu próprio interior, dando início a uma jornada em busca de aceitação e identidade.

É possível que a relação que temos com os cabelos seja um reflexo do local, do entre-lugar em que nos encontramos no mundo. As influências externas frequentemente moldam a opinião que temos sobre nós mesmos. Ao longo da narrativa, Mila tenta a todo custo se encaixar em um espaço que não lhe pertence. Nessa trajetória, pode-se vislumbrar um caminho doloroso, necessário para alcançar a autoaceitação em sua vida. No texto *Negociações identitárias em “Esse Cabelo”, de Djaimilia Almeida e “Americanah”, de Chimamanda Adichie*, as autoras

³ O Prêmio Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa é um dos principais prêmios literários que abrange países de língua portuguesa. Segundo a Associação Oceanos, “Oceanos Cultura, com sede no Brasil, foi criada em 1996 para valorizar e impulsionar a diversidade e a qualidade da produção cultural dos países de língua portuguesa. Além disso, Associação Oceanos Expressivos da Língua Portuguesa – organização sem fins lucrativos - criada em 2018 e com sede em Lisboa. Juntas, as duas organizações são responsáveis por projetos culturais realizados nos países da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em quatro continentes – América, Europa, Ásia e África. Entre eles, estão o “Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa” e o “Mapeamento das Literaturas em Língua Portuguesa” C.f. link: <https://associacaoceanos.org/quem-somos>

⁴ Leandro Sarmatz, Editor da Todavia, em *live* de lançamento do romance *Esse Cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida, divulgada no Youtube: C.f. link: <https://www.youtube.com/watch?v=1nIFWz7Oyfl>

Vanessa Gatteli e Rita Schmidt afirma que “em *Esse cabelo*, a protagonista do livro passa a vida inteira negociando sua identidade por meio do seu cabelo. A história do romance é a história do cabelo” (Gatteli; Schmidt, 2016, p. 3012).

Dessa maneira, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa com método bibliográfico. Como *corpus* teórico-metodológico, faremos uso das obras dos seguintes autores: Abdala Junior (2016), através do texto *Comparativismo literário e comunitarismo supranacional*, que aborda a questão do *locus enunciativo*; Bhabha (1998) através da obra *O local da cultura*, que explora o conceito de *entre-lugar*; Rama (2001) por meio do texto *Os processos de transculturação na narrativa latino-americana*, e Ortiz (1940) com o texto *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*, ambos os autores abordando o termo *transculturação*; Said (1990) por meio da obra *Orientalismo*, que discute o *colonialismo*. Além do texto de Stuart Hall (2003), com a obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

Em função disso, este trabalho está organizado, além da introdução e das considerações finais, em três seções. Na primeira, buscamos compreender o conceito de transculturação nos romances contemporâneos. Na segunda, nos propomos a explorar as concepções sobre memória, identidade e literatura. Por fim, na terceira seção, trazemos a discussão sobre a comparação entre as relações entre as avós materna e paterna em relação a Mila, sendo a primeira de origem angolana e a outra de origem portuguesa.

A pesquisa constitui-se numa tentativa de contribuição para o entendimento da formação da identidade e autoaceitação, sob perspectiva da literatura comparada, através do romance *Esse Cabelo*. Dada a complexidade dessas questões, abordar o cabelo crespo em um contexto de pesquisa acadêmica assume uma relevância significativa, pois trata-se de temas que instigam a reflexão, desafiam concepções arraigadas e oferecem alternativas para ideologias limitantes e restritivas. Nesse sentido, almejamos que este estudo proporcione novas visões acerca da temática, dos conceitos teóricos e outras possibilidades de análise, reconhecendo que este trabalho pode não ter explorado todos os múltiplos campos de análise em relação à obra e à temática.

1 - “EU NÃO SOU UM ACULTURADO”

Antes de abordarmos as questões identitárias suscitadas pela representação dos cabelos crespos pela autora no romance, é imperativo compreendermos o conceito de *transculturação*. De maneira simplificada, esse termo refere-se ao processo de transposição de elementos culturais de uma sociedade para outra. Importa salientar que transculturação não se limita à

aquisição, perda ou desenraizamento de uma cultura preexistente; trata-se, antes, de um fenômeno mais complexo, no qual elementos culturais são intercambiados e adaptados em um contexto diverso.

Fernando Ortiz (1940) trata do fenômeno social da *transculturación* e sua importância em Cuba, em sua obra intitulada “*Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*”, conforme evidenciado no seguinte excerto:

Toda mudança de cultura, ou como diremos daqui para frente, toda *transculturación*, é um processo em que algo é sempre dado em troca do que é recebido. É um "dar e receber", como dizem os castelhanos. É um processo em que ambas as partes da equação são modificadas. Um processo em que emerge uma nova realidade, composto e complexo; uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de personagens, ou mesmo um mosaico, mas um fenômeno novo, original e independente. Para descrever tal processo, em latim o termo *transculturación* indica que não há implicação de uma determinada cultura para a qual o outro deve tender passivamente, mas uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuindo uma para a outra, e ambas cooperando para o advento de uma nova cultura. (Ortiz, 1940, p. 4-5 *tradução nossa*).

Em contraposição ao conceito de *transculturación*, o termo *aculturado*, segundo Ortiz (1940), refere-se a uma expressão que, embora tenha sido cunhada por sociólogos e antropólogos norte-americanos, adquiriu novas nuances que sugerem, de maneira geral, que o imigrante deve se submeter às crenças e culturas do país de destino, abdicando de sua própria cultura e desconsiderando seus hábitos, crenças, religiões, costumes, entre outros. Contudo, é esperado que ele construa uma nova identidade em conformidade com as características do novo contexto. Nesse sentido, Ortiz destaca que:

O imigrante tem que "aculturar"; assim como os nativos, pagãos e infiéis, bárbaros ou selvagens, que desfrutam do "benefício" de estarem sujeitos à nossa Grande Cultura Ocidental. Esses "incultos" devem receber os benefícios da "nossa cultura". É o imigrante que tem de mudar para se tornar "um de nós". (Ortiz, 1940, p. 4 *tradução nossa*).

Em consonância com as ideias de Ortiz, Angel Rama (2001) no capítulo *Os processos de transculturación na narrativa latino-americana*, registra esse contraponto ao termo *aculturado*. O termo denota a perda permanente da cultura de origem, sem a possibilidade de retorno à sua "tradição singular". Rama ilustra tal contraste por meio do discurso de Arguedas (1968) que diz “eu não sou um aculturado: sou um peruano que orgulhosamente, como um demônio feliz, fala a língua cristã e de índio, espanhol e quíchua”⁵. Por assim dizer, Rama afirma também que:

⁵ O discurso, com o título de “Yo no soy um aculturado”, foi incluído, a pedido do autor, como epílogo a sua novela póstuma e inacabada *El Zorro de Arriba y el Zorro de Abajo*, Buenos Aires, Losada, 1971.

Provavelmente, o contato direto entre as culturas regionais e as contribuições imperativas da modernidade teria sido mortal para as primeiras, considerando a distância existente entre ambas, que para certos casos, como o da polaridade europeísmo-indigenismo, se apresentava como simplesmente abismal [...] Os escritores que em suas obras desenvolvem processos de transculturação respondem às circunstâncias e especificidades das culturas dentro das quais se formaram, às proporções e imposições exercidas sobre elas pela cultura modernizada e, portanto, ao tipo de conflito que é gerado em ambas. (Rama, 2001, p. 224-225).

Desta forma, o conceito de *transculturação*, em linha gerais, refere-se ao processo de renúncia de culturas tradicionais para a formação de uma nova cultura. Isso ocorre, por exemplo, com o idioma, que deixa de ser exclusivamente do colonizador e passa a ser apropriadamente adaptado à língua do colonizado, da terra colonizada. Esse fenômeno reforça a ideia de que a transculturação transforma aquilo que está sendo exigido como padrão, incorporando misturas e nuances, resultando em um novo estilo de fala, culturas e vivências.

Nas palavras de Renata Rolon (2022) (informação verbal)⁶, o autor (Rama, 2001), tem como perspectiva o “fazer literário como o fazer de fronteiras, entre a recordação e a perda.” Por conseguinte, parafraseando Rolon, a transculturação é a própria criatividade explicitada numa relação dialógica em que resulta numa comunicação e superação dos pontos de partida, mesmo que esse movimento ocorra ao mesmo tempo.

Os conceitos aqui apreendidos orientaram nosso entendimento acerca dos conceitos de *memória* e *identidade*, cujas facetas serão discutidas ao longo da pesquisa, utilizando como referência o romance *Esse Cabelo*, como será evidenciado na seção seguinte.

2 - ESSE CABELO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E LITERATURA

No romance, a narradora Mila afirma que a origem de seu cabelo está intrinsecamente ligada aos percursos realizados entre Portugal e Angola, transmitindo-se ao longo de várias gerações. Ela expõe esse legado ao afirmar: “A família a quem deve este cabelo descreveu o caminho entre Portugal e Angola em navios e aviões, ao longo de quatro gerações, [...] desembarquei em Portugal particularmente despenteada aos três anos” (Pereira de Almeida, 2017. p.12). Mila estabelece uma conexão entre seu cabelo e sua posição fronteiriça no mundo, especialmente entre esses dois países. Ela também traça uma relação indireta “entre vários continentes: uma geopolítica.”

A narrativa vai além e cruza fronteiras, refletindo sobre relações sociais e políticas. Mila faz uma espécie de biografia, na qual revisita sua história e a construção da sua identidade

⁶ Crítica empreendida pela prof.^a. Dra. Renata Beatriz B. Rolon durante as aulas de Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes- PPGLA/UEA.

diaspórica (Mila tem origem luso-angolana) a partir da memória/história de seus familiares, em especial, suas avós materna e paterna. Mila registra a história de sua família, reconstrói a sua história e conta as histórias desses dois países. No texto *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Stuart Hall (2003, p. 26) afirma que, “tal qual ocorre comumente as comunidades transnacionais, a família ampliada — como rede e local da memória — constitui o canal crucial entre os dois lugares.”

Partindo disso, podemos entender que para além de uma percepção sobre si mesma, a história de Mila traz à tona reflexões sobre questões geopolíticas, sociais, históricas e raciais, tendo a memória como fio condutor. Embora Mila tenha nascido em Angola, se viu obrigada a deixar sua terra natal. Assim, a diáspora faz parte do processo de construção da sua identidade, enquanto parte de uma família e enquanto ser individual.

Durante seu crescimento, ao se tornar uma jovem em desenvolvimento, ela absorveu influências que forneceram perspectivas sobre seu cabelo e identidade. Dessa forma, começou a ser moldada pelas percepções alheias e pela cultura externa. Carlos Alberto Faraco refere que, para Bakhtin:

O princípio constitutivo maior do mundo real do ato realizado é precisamente a contraposição concreta eu/outro. O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam, é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos. (Faraco, 2009, p.21).

Desta forma, Mila sob óptica do outro e através de suas memórias, relata suas experiências relacionadas ao seu cabelo. Neste relato, revela que há uma razão para ter cabelos crespos. Isso ocorreu porque sua mãe cortou-o quando ainda era bebê, aos seis meses de vida, já que havia nascido com cabelos lisos. No entanto, no fatídico dia do corte, tudo mudou, e seus cabelos nasceram crespos, não apenas crespos, mas também com a característica adicional de serem secos.

Nessa tentativa de domar seu cabelo, a narradora relata um trauma de infância relacionado às idas aos salões de beleza, que ela chama de "a casa assombrada". Em suas lembranças, a narradora afirma que o espaço do salão de beleza é um local de tortura, com puxões em sua cabeleira e uma luta intensa para se inserir no mundo da feminilidade. Na relação entre cabelo e salão, a narradora descreve o processo de construção de sua identidade.

O primeiro contato com um salão de beleza aconteceu na rua chamada Sapadores, que fica em Lisboa, Portugal. “O primeiro salão de minha vida”. Lá, Mila vê uma marca de

defrisante e reflete: “da embalagem desfrisante Soft & Free (ou seria Dark & Lovely?), anunciando, na variedade infantil, crianças negras de cabelos lisos, risonhas, modelos de vida instantâneos. Publicidade enganosa, perceberia eu no dia seguinte. O tratamento, cuja química abrasiva obriga ao uso de luvas, consistia, segundo me explicaram, em “abrir o cabelo”. O salão em Portugal pertencia a “dona Esperança, a cabeleireira da avó Lúcia (avó paterna). Inconformada com o estado do meu cabelo, agarrou num secador e numa escova e, no intervalo de pentear a minha avó, esticou duas madeixas por caridade, para provar que não era um caso perdido. ‘Está a ver? Não lhe digo que a Mila tem um belo cabelo? É só esticar um bocadinho e - veja!’”.

Há, portanto, a formação de um padrão do que seria o cabelo ideal. Desse modo, a narradora expõe o que passa por sua cabeça em relação ao seu cabelo. "Acordo desde sempre com uma juba revoltosa." A narradora mostra também que esse pensamento não se trata de uma opinião pessoal, mas sim de vozes alheias que comentam sobre seus cabelos. "Dizem que acordo com juba por desmazelo, é como se dissessem que acordo todos os dias com um mínimo de vergonha ou um motivo para rir de mim mesma ao espelho." Ela ainda acrescenta, explicando o que sente, "um motivo vivido com impaciência e às vezes com raiva".

Ao se olhar no espelho, percebe que se não fosse pelo corte de cabelo aos seis meses, todo esse trabalho não estaria acontecendo em sua vida. Principalmente, porque o que sempre ouviu a respeito deles foram as palavras "mulata das pedras", "de cabelo ruim e segunda categoria".

O modo de os outros tratarem o meu cabelo simbolizou sempre a confusão doméstica entre o afecto e o preconceito, o que vem desculpando a minha falta de jeito de cuidar dele. Trata-o como faria uma angolana mais que falsa ou uma portuguesinha, pensarão os da casa. (Pereira e Almeida, 2017, p.47).

Nesse contexto, a relação entre país, nacionalidade e identidade encontra-se intimamente ligada ao estilo do cabelo, bem como à autoaceitação de Mila. É perceptível, ao longo da narrativa, as nuances do colonialismo, as quais a narradora destaca em diversas passagens. Edward W. Said, na obra registra *Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente*, registra que:

A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia, e é indicada com total precisão no título do clássico de K. M. Panikkar, *Asia and Western dominance* [A dominação ocidental na Ásia]. O Oriente foi orientalizado não só porque se descobriu que ele era "oriental" em todos aqueles aspectos considerados como lugares-comuns por um europeu médio do século XIX, mas também porque podia ser - isto é, permitia ser - feito oriental. Há muita pouca anuência, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert como uma cortesã egípcia tenha produzido um modelo amplamente influente da mulher oriental;

ela nunca falou de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. Ele falou por ela e a representou. Ele era estrangeiro, comparativamente rico, homem, e estes eram fatos históricos de dominação que permitiram não apenas que ele possuísse Kuchuk Hanem fisicamente como também que ele falasse por ela e que contasse aos seus leitores de que maneira era “tipicamente oriental” (Said, 1990, p. 17-18).

Nesse sentido, Said (1990, p. 18) registra as nuances do orientalismo, em que o padrão de dominação europeia se sobrepunha ao Oriente, representando “um sinal de poder europeu-atlântico sobre o Oriente que como um discurso verídico sobre o Oriente”. Há, no entanto, narrativas contemporâneas que já estão sendo tramadas na contramão dessa ideologia. Desta forma, essa oposição ao padrão é evidenciada no romance *Esse Cabelo*, que apresenta a visão direta da personagem, permitindo-lhe expressar suas próprias emoções e vivências que denotam sua identidade.

A autora, escreve este romance de ficção não numa tentativa de falar sobre si, mas ao mesmo tempo, podemos identificar traços de sua vida. De acordo com Said (1990, p. 21), “a ideologia [...] está diretamente implicada no seu material”. A relação entre colonizador e colonizado também pode ser acentuada nas interações entre os avós paternos, portugueses, e os avós maternos, angolanos. No trecho a seguir, percebemos a dinâmica com a avó paterna, Lúcia, que levava a menina Mila ao salão na tentativa de “domar a juba”:

Perto de casa, na dona Esperança, a cabeleireira da avó Lúcia. Inconformada, com o estado do meu cabelo, agarrou num secador e numa escova e, no intervalo de pentear a minha avó, esticou duas madeixas por caridade, para provar que não era um caso perdido. “Está a ver? Não lhe digo que a Mila tem um cabelo belo? É só esticar um bocadinho e – veja!” (Pereira de Almeida, 2017, p. 23).

As memórias e recordações da narradora constituem uma tentativa de compreender sua própria identidade. No artigo *Meus cabelos crespos/ meu rosto escuro, de belas e largas narinas... – o orgulho do corpo áfrico em José Craveirinha* (2022), de Luana Soares de Souza e Marinei Almeida (2022, p. 180), afirma-se que: “Ao resgatar a imagem de África, os negros na diáspora procuram reconstruir a memória e a história que se encontram despedaçadas pela história oficial”. Além disso, “a identidade negra também lhes foi roubada pelo colonialismo. O sofrimento do homem negro deslocado forçadamente para outro país também foi o sofrimento sentido pelo homem negro que permaneceu no local de origem” (*ibidem*, 181).

A partir desse ponto, podemos inferir que a construção do romance moderno se desenvolve por meio de diversas formas de narrativa, utilizando memórias, mímesis e verossimilhanças mais específicas. Segundo Theodor Adorno, no capítulo *Posição do narrador no romance contemporâneo*, da obra *Notas de literatura I*, afirma-se que:

O momento antirrealista do romance moderno, sua dimensão metafísica, amadurece em si mesmo pelo seu objeto real, uma sociedade em que homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo. (Adorno, 2003, p. 58).

Na obra *O local da cultura*, Homi K. Bhabha (1998, p.274) acentua que “o ato da ‘rememoração’ [...] transforma o presente da enunciação narrativa no memorial obsessivo do que foi excluído, [...] e que por esta mesma razão se torna um espaço *unheimlich*⁷ para a negociação da identidade e da história.”

3 - AS AVÓS: PORTUGAL E ANGOLA SE ATRAEM E SE REPELEM

A primeira noção à qual o autor Benjamin Abdala Junior se refere, no capítulo intitulado *Comparativismo literário e comunitarismo supranacional* (2016), é o conceito de *locus enunciativo*, ou seja, "o lugar de onde ele acessa o mundo" (*ibidem*, p. 7) - o lugar de origem do crítico, onde ele se faz presente no mundo.

Temos proposto outra forma de comparativismo. Um comparativismo prospectivo, pautado por relações comunitárias, um comparativismo da solidariedade, da cooperação. Comparar diante de problemáticas que nos envolvem a todos para nos conhecer naquilo que temos de próprio e em comum. Enlaces comparatistas em que as particularizações do passado devem ser reconfiguradas em termos prospectivos e tendentes a ações de reciprocidade. Não mais a histórica relação sujeito/objeto, mas agora de sujeito/sujeito, que se comparam em aproximações e fricções, tendo em conta desafios que se colocam em termos da atualidade sociocultural. (Abdala Junior, 2016, p. 15).

No livro *Esse Cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras*, de Djaimilia Pereira de Almeida, a autora introduz a personagem Mila, que simultaneamente serve como a narradora em primeira pessoa da obra. É importante notar que, enquanto Mila é uma criação fictícia dentro do romance, Djaimilia existe na realidade. As trajetórias de vida de ambas são semelhantes, mas não completamente reais; alguns estudiosos sugerem que Mila pode ser interpretada como um *superego* literário da escritora.

No decorrer do romance, a chegada de Mila a Portugal e suas experiências nos salões deixaram marcas profundas em sua relação com o cabelo crespo.

A memória de sua chegada de Angola, aos três anos de idade, é marcada por estar “particularmente despenteada” e por estar agarrada a um pacote de bolacha Maria. Ela se mudou com os avós para viver com uma família branca, onde seu cabelo sempre definiu quem ela era. A adolescência não é marcada pelo primeiro beijo ou pelo primeiro namorado, mas sim pelo primeiro salão que foi em sua vida. (Schmidt; Gatteli, 2016, p. 3012-3013).

⁷ É um termo de origem alemã que significa, mesmo que exista a insuficiência de tradução, aquilo que é terrível, ao que desperta angústia e terror. O termo se refere aquilo que é inquietante, “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” de acordo com Freud (2010).

A convivência com seus avós paternos era agradável, porém, as idas constantes ao salão tornavam toda a experiência assustadora e aterrorizante. No entanto, à medida que Mila continuava a frequentá-lo, essa perspectiva começava a mudar. A lembrança mais marcante que Mila guarda de sua identidade é, de maneira irônica, associada aos cabelos de sua avó paterna, Lúcia, como evidenciado no trecho abaixo:

Como para qualquer menina de nove anos, pentear o cabelo da avó Lúcia, com que vivia, era uma das minhas ocupações favoritas. O seu cabelo exalava um perfume da antiguidade que jamais reencontrei: um cheiro a Feno de Portugal. [...] Esse cheiro foi o primeiro lugar de onde julguei ter origem, muito antes da imagem mental de pedras da praia, projeção de uma metáfora cruel. Costumo pensar que este cheiro é tudo o que posso dizer sobre a minha identidade. (Pereira de Almeida, 2017, p. 30).

A reflexão sobre a identidade de Mila é um tema recorrente na narrativa. “Saber de onde venho, no entanto, pareceria crucial para a história do meu cabelo. (Pereira de Almeida, 2017, p.30-32). Para esclarecer, a avó Lúcia, apesar de ter nascido no Congo, possui raízes portuguesas. Ela foi para Portugal e nunca retornou ao país africano. No texto *Esse cabelo, de Djaimilia Pereira de Almeida: entre espaços e tempos - as raízes* (2022), de Isabela Lapa Silva, é possível perceber que:

Mila vive essa condição diaspórica na sua família, pois cresceu com seus avós paternos brancos e, posteriormente, seus avós maternos negros, vindos de Angola, também se mudam para Portugal. Seus pais — que no livro não são nomeados — separam-se e Mila encontra sua mãe, uma mulher negra, nos verões, ao visitá-la em Luanda ou ao receber suas visitas em Lisboa. Não é mencionado se sua mãe também se casa pela segunda vez, mas seu pai, um homem branco, também se muda para Portugal e, mais tarde, se casa novamente com uma mulher branca. Entretanto, o que se destaca é que Mila cresce em meio ao esquecimento de suas outras raízes e memórias, principalmente às relacionadas ao passado dos seus avós maternos, já cresce sobretudo com seus avós paternos, brancos, sua família portuguesa. (Silva, 2022, p. 166).

A relação das avós com Mila é afetuosa, mas as visões que elas têm sobre Mila são diferentes. Analisando comparativamente, podemos concluir que, relacionado aos padrões estéticos de Portugal, a avó Lúcia não compreende que a ligação entre o cabelo e Mila reflete em sua identidade. "A minha avó branca [...] perguntava-me sobre o cabelo: 'Então Mila, quando é que trata esse cabelo?'" (p. 42).

Ao contrário, a avó materna, "minha avó angolana, uma negra fula chamada Maria da Luz" (p. 42), expressava orgulho pelo cabelo de Mila. Ela vivia em São Gens com o avô Castro Pinto, e Mila os visitava nas férias. No entanto, ambas as avós demonstravam afeto e amor, enfatizando que são as relações afetivas que constroem a busca por nossa identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, a obra *Esse Cabelo* constitui-se como um romance que, simultaneamente, se apresenta de forma literária e bibliográfica, explorando as memórias como meio para a construção da identidade da protagonista. O cabelo crespo emerge como uma metonímia, encapsulando significados abrangentes que extrapolam a mera expressão capilar, incorporando elementos simbólicos que abordam a narrativa histórica, as raízes, as projeções futuras e a essência subjacente.

As questões de *transculturização*, identidade e *lócus enunciativo* são abordadas no artigo como uma tentativa de compreender os complexos processos migratórios. O deslocamento, frequentemente motivado por fatores diversos, como questões financeiras, sociais ou econômicas, desempenha um papel crucial na formação e transformação das sociedades. O estranhamento em relação às novas culturas impacta e interfere de maneira significativa na construção social das identidades.

A compreensão mais profunda desses fenômenos, conforme destacado no artigo, é facilitada através do diálogo, especialmente na interseção da literatura e das artes, proporcionando um meio enriquecedor para explorar e contextualizar as experiências migratórias e seus efeitos na dinâmica sociocultural.

A elaboração do romance *Esse Cabelo* feito por uma escritora angolana revela-se como um ato significativo, especialmente considerando o histórico em Angola. No texto *A objetificação da mulher em contexto de guerra: uma análise comparativa entre Mayombe e os Cus de Judas* (2021), de Emanuelle Valente e Renata Rolon, esse feito ganha ainda mais relevância devido ao contexto em Angola, onde “a predominância de um discurso androcêntrico, limitador das vozes femininas, impôs o silenciamento destas, resultado do conservadorismo europeu e de algumas tradições comunitárias locais.” (Valente; Rolon, 2021, 50).

Nesse sentido, o romance transcende a simbologia dos cabelos e da representação física. A obra oferece a possibilidade de explorar outros desdobramentos a partir da narrativa e da temática, uma vez que apresenta a voz de uma autora feminina refletindo sobre sua busca por identidade e autoaceitação. A afirmação 'O cabelo é a pessoa!' sintetiza de forma contundente a profunda conexão entre a aparência externa e a essência individual.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Comparativismo literário e comunitarismo supranacional. In: OLIVEIRA, Rita do Perpétuo S.B.; AZEVEDO, Kenedi Santos. **Reflexões Interculturais**. São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2016.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). Ángel Rama. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp: 2001.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GATTELI, Vanessa Hack; SCHMIDT, Rita Terezinha. Negociações identitárias em “esse cabelo”, de Djaimilia Almeida e “Americanah”, de Chimamanda Adichie. In: **XV ENCONTRO ABRALIC** – Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2016, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Dialogartes Publicações, 2016. p. 3011-3017.
- OLIVEIRA, Rita do Perpétuo S.B.; AZEVEDO, Kenedi Santos. **Reflexões Interculturais**. São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2016.
- PEREIRA DE ALMEIDA, Djaimilia. **Esse cabelo**: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: LeYa, 2047.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar**. Havana: Editorial de Ciências Sociales, 1983.
- RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). Ángel Rama. **Literatura e cultura na América Latina**. Trad. Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp: 2001.
- ROLON, Renata Beatriz B. et al. **Literaturas em diálogo**: africanidades, afrodescendências, trânsitos. Rio Branco: Nepan Editora, 2022.
- SAID, Eduard W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SILVA, Isabela Lapa. **Esse cabelo, de Djaimilia Pereira de Almeida: entre espaços e tempos - as raízes**. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2022.
- SOUZA, Luana Soares de; ALMEIDA, Marinei. Meus cabelos crespos/ meu rosto escuro, de belas e largar narinas... – o orgulho do corpo áfrico em José Craveirinha. In: ROLON, Renata Beatriz B. et al. **Literaturas em diálogo**: africanidades, afrodescendências, trânsitos. Rio Branco: Nepan Editora, 2022.
- VALENTE, E. A.; ROLON, R. B. B.. A objetificação da mulher em contexto de guerra: uma análise comparativa entre Mayombe e os Cus de Judas. In: SILVA, Agnaldo Rodrigues; KARIM, Taisir M. (orgs.). Literaturas e Linguísticas. **Revista ECOS**, vol. 31, ano 18, n. 2. Cáceres-MT: Unemat Editora, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/6214>. Acesso em: 14 jan. 2023.

Recebido em: 04/12/2023

Aprovado em: 18/03/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_7